

Francine Mazière

A ANÁLISE DO DISCURSO

história e práticas



Tradução
Marcos Marcionilo

π
Parábola

Título original:

L'Analyse du discours — Histoire et pratiques

© Presses Universitaires de France, Paris, 2005

6, avenue Reille, 75015 Paris

ISBN: 2-13-054920-9

EDITOR: *Marcos Marcionilo*

CAPA E PROJETO GRÁFICO: *Andréia Custódio*

CONSELHO EDITORIAL: *Ana Stahl Zilles [Unisinos]*

Carlos Alberto Faraco [UFPR]

Egon de Oliveira Rangel [PUCSP]

Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipol]

Henrique Monteagudo [Univ. de Santiago de Compostela]

José Carlos Sebe Bom Meihy [NEHO/USP]

Kanavillil Rajagopalan [Unicamp]

Marcos Araújo Bagno [UnB]

Maria Marta Pereira Scherre [UFRJ, UnB]

Rachel Gazolla de Andrade [PUC-SP]

Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M427a

Mazière, Francine

A análise do discurso : histórias e práticas / Francine Mazière ;

tradução Marcos Marcionilo. - São Paulo : Parábola Editorial, 2007.

(Na ponta da língua ; 14)

Tradução de: *L'analyse du discours : histoire et pratiques*

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-88456-48-6

1. Análise do discurso - História. 2. Sociolinguística - França -

História - 1945-. I. Título. II. Série.

07-2446

CDD:401

CDU 81'42

Direitos reservados à

PARÁBOLA EDITORIAL

Rua Clemente Pereira, 327 - Ipiranga

04216-060 São Paulo, SP

Fone: [11] 6914-4932 | Fax: [11] 6215-2636

home page: www.parabolaeditorial.com.br

e-mail: parabola@parabolaeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.

ISBN: 85-88456-48-6 / 978-85-88456-48-6

© desta edição: Parábola Editorial, São Paulo, fevereiro de 2007

SUMÁRIO

Introdução	7
Capítulo I — UM QUADRO HERDADO	12
I. Língua/discurso/ <i>corpus</i>	12
II. A construção do <i>corpus</i>	14
III. Posições acerca da língua	16
IV. O falante, o enunciador, a reflexividade do sujeito falante, o sujeito	20
V. Os saberes do analista	23
VI. Os tipos de discurso	24
VII. O sentido e a semântica	25
Capítulo II — INSCRIÇÃO NA LINGÜÍSTICA E NO POLÍTICO	29
I. As afirmações fundadoras	30
II. Lingüística e lexicologia sociopolítica	31
III. Uma implantação institucional	32
IV. Deslocamentos e constituição de um método de análise sociolingüística ...	34
V. Que “gramática”?	43
Capítulo III — TRABALHAR A ANÁLISE DO DISCURSO	45
I. Abertura do círculo	46
II. O enfrentamento com a lingüística ..	48
III. Outra lingüística	50
IV. Da heterogeneidade	55

V.	Construção do <i>corpus</i>	59
VI.	A leitura, a ideologia e o sujeito	62
VII.	Transmissão	66
VIII.	Ciências humanas e computador	67
Capítulo IV — A PLURIDISCIPLINARIDADE		74
I.	O debate da sociolinguística	74
II.	Análise do discurso e história	89
III.	Atualidades	100
Anexos — ESCRITAS DE ANÁLISE DO DISCURSO ..		117
I.	Sintaxe e discurso	117
II.	A fórmula	121
III.	Os discursos de descobrimento	123
INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS		129
ÍNDICE DE NOMES		131

INTRODUÇÃO

O sintagma “análise do discurso” (doravante AD) designa um campo que se desenvolveu na França nos anos 1960-1970, a partir de trabalhos do lingüista americano Z. S. Harris, que, em 1952, assim a descrevia:

A análise do discurso dá uma multiplicidade de ensinamentos sobre a estrutura de um texto ou de um tipo de texto, ou sobre o papel de cada elemento nessa estrutura. A lingüística descritiva descreve apenas o papel de cada elemento na estrutura da frase que o contém. A AD nos ensina, além disso, como um discurso pode ser construído para satisfazer diversas especificações, exatamente como a lingüística descritiva constrói refinados raciocínios sobre os modos segundo os quais os sistemas lingüísticos podem ser construídos para satisfazer diversas especificações¹.

Veremos que essa referência foi freqüentemente trabalhada. Apesar de o paralelo entre lingüística descritiva e AD ter limites, esta obra baseia-se essencialmente na literatura desenvolvida no seio das ciências da linguagem, mantendo-se a lingüística como o principal lugar institucional da AD. Este livro também contém recordações pessoais, fragmentos de comunica-

¹ Z. S. Harris, *Discourse Analysis: A Sample Text*, in: *Language*, vol. 28, n. 4, 1952.

ções, de discussões. Ele repercute disputas e solidariedades intelectuais. Seu objetivo é constituir um testemunho e um ponto de vista.

Dessa forma, ele se distingue da abundante documentação atualmente disponível: foram publicados dicionários, manuais e diversas análises que tentam atribuir à AD categorias estáveis. Contudo, a diversidade, até mesmo a diluição das práticas, reforça as dúvidas que se possa ter sobre a consistência dessa análise, no momento mesmo em que tantos trabalhos a invocam.

A paisagem é realmente acidentada.

No seio das ciências humanas, passados trinta anos, a AD é interrogada essencialmente pelas disciplinas que mais a freqüentaram, a comunicação, assim como a história, a sociologia e a psicologia, que a ela se referem de modo quase sempre oblíquo, mas construtivo.

No seio da lingüística, onde a AD é freqüentada, contornada, atacada, ameaçada pelas teorias e pelas práticas que se vinculam à pragmática, à análise da conversação, à análise textual, em geral, ela é reivindicada como campo, com um propósito de fundação disciplinar, em nome de categorias próprias, ou em nome de um objeto complexo que seria a linguagem “real”, oposta ao objeto “ideal”, a língua do lingüista. Por vezes, a AD também é citada, com desdém ou nostalgia, como exemplo de uma época passada, que preconizava o engajamento e a inquietude do sentido político, sem eco em nossa modernidade, que estaria testemunhando o fim das ideologias. Mas, mais freqüentemente, ela é solicitada sob uma forma restrita, como complemento de análises textuais, nos trabalhos que se vin-

culam mais habitualmente à pragmática ou à comunicação, como simples instrumental lingüístico, em completa ignorância dos desafios de sentido que foram os seus. Por vezes praticada às margens da análise de conteúdo da qual se separou, ela pode ainda, se bem que mais raramente, ser reinvestida em uma análise formal, semântica e sintática a que visara em seus inícios, sem tê-la levado completamente a cabo.

Mesmo facilmente diluída, a AD resiste em razão de uma história que lhe assegura alguns princípios sólidos:

- toda AD leva em conta a língua enquanto objeto construído pelo lingüista, e as línguas particulares enquanto situadas em um espaço-tempo;
- toda AD tem uma dupla relação com as heranças descritivas das línguas. Ela leva em conta a gramática, as sintaxes e os vocabulários de línguas particulares, contra uma sintaxe lógica universal. Ela leva em conta produções datadas, a partir de uma herança filológica, aquela que descreve os acoplamentos repetíveis e moduláveis que fazem de todo enunciado um conjunto semântico singular;
- ela configura os enunciados a analisar em *corpora* construídos, geralmente heterogêneos, segundo um saber assumido, lingüístico, histórico, político e filosófico;
- ela propõe interpretações que constrói levando em conta dados de língua(s) e de história, tomando em consideração as capacidades lingüísticas reflexivas dos sujeitos falantes, mas também recusando pôr na fonte do enuncia-

do um sujeito enunciador individual que seria “senhor em sua própria casa”.

É essa tríplice relação com 1) o sujeito assujeitado, falado por seu discurso, diretamente provindo do “estruturalismo” de Foucault, Althusser e Lacan, 2) com a historicidade de todo enunciado singular, herdado de Foucault, e 3) com a materialidade das formas de língua que Saussure, Harris e Chomsky permitem estabelecer que constituiu a originalidade do que se chamou a AD francesa. São também essas três relações que estruturam, em diversos graus, a análise do discurso, mesmo que tenham ocorrido numerosos deslocamentos, e mesmo que a relação com a lingüística como ciência possa ser discutida.

Para dar conta dessas bases e dessas evoluções, dois dicionários recém-elaborados adotaram duas posições opostas. O primeiro, *Termes et concepts pour l'analyse du discours. Une approche praxématique*, está unificado pela referência a uma crítica materialista da produção de sentido, desenvolvida em torno de um grupo de pesquisadores de Montpellier. O segundo, *Dicionário de análise do discurso*, é uma obra coletiva que “consagra” a “abertura generalizada entre as diferentes correntes teóricas que tomaram o ‘discurso’ como objeto” (prefácio).

Aqui, queremos insistir naquilo que singulariza a AD no campo das análises de produções lingüísticas, a fim de defini-la como uma série de exigências e de proposições, datadas, construídas, experimentadas, provindas de uma história. Os discursos mantidos pelos analistas que se vinculam à AD não escapam à ordem do discurso.

Jamais houve teoria do discurso, nos próprios termos de seu mais obstinado teórico, Michel Pêcheux.

Não obstante, os primeiros dispositivos de análise permitiram à AD definir-se por oposição, ou por adesão, às evidências dos anos 1960: a lingüística estrutural, posteriormente gerativa, a enunciação e as tradições hermenêuticas, a sociolingüística e a “Discourse Analysis” anglo-saxônica, os processamentos automáticos e uma filosofia da linguagem que repensava o sentido. A complexidade das posições da AD na análise do sentido se mede por meio da precisão e da insistência de seus combates, assim como por suas múltiplas invenções. Por isso decidimos não separar a história da AD de suas formas práticas, porque as práticas perdem pertinência quando encaradas à parte de uma reflexão epistemológica.

Desse modo se justifica o nosso plano. Um primeiro capítulo ressitua os elementos conceituais dominantes nos anos 1960; o capítulo II expõe como os deslocamentos de conceitos na análise lingüística distribucional permitem integrar práticas textuais, filológicas e situar a AD; o capítulo III dá conta de um questionamento dos métodos e de uma refundação; o capítulo IV constata efeitos da interdisciplinaridade, das reconfigurações induzidas e da fecundidade atual; por fim, alguns anexos ilustram os capítulos anteriores, propondo leituras de trabalhos, antigos e recentes.